

JORNADINHA DA PRIMAVERA

(25/11/17)

A APOSTA DE UMA ANÁLISE

Vou aproveitar essa oportunidade para tratar, mais uma vez, da **produção do analista**, sua garantia, a transmissão da psicanálise e a importância de uma Instituição de Psicanálise, para que tudo isso possa acontecer.

Como se produz um analista e qual a garantia nessa produção? O que se transmite numa análise? Como se transmite a Psicanálise?

Embora estas perguntas não tragam, de início, muita novidade, para quem já faz parte de um **agrupamento de psicanalistas**, não vou me ocupar de nenhuma destas questões, em particular, mas procurar estabelecer algumas considerações gerais sobre elas.

Assim, para tomar partido, vou antecipar que a Psicanálise não contempla qualquer ideia de uma predestinação, de uma fatalidade, do destino, nem mantém uma crença na existência de Deus. Por isso mesmo, sua noção de causalidade decorre da presença de um “Saber no Real”, que pode ser mostrado através da cadeia borromeana e que possibilita ao Sujeito, a própria invenção do inconsciente que o determina.

E, mais ainda, que essa condição privada de uma “**Análise em Intenção**”, possa passar ao público, através de uma “**Psicanálise em Extensão**”, sob a forma de teoria, através de diferentes escrituras e de falas. É uma condição de passagem do privado ao público, considerando-se que cada analista inventa a psicanálise que pratica.

Aqui, vou considerar, de início, a importância atribuída à linguagem, na Psicanálise. Não dessa estrutura simbólica que interessa aos linguistas, que se sustenta no signo e serve à teoria da comunicação, mas do que Lacan concebeu como *Lalíngua*. Portanto, diferente da linguagem dos linguistas, esse somatório de *Lalíngua* foi concebido como uma “rede”, contendo letras e significantes, que mantêm uma vizinhança topológica e que se tornam enriquecidos pela polifonia. Uma estrutura que vai produzir seus efeitos sobre o humano, antes mesmo que ele tenha sido engendrado e que vai até depois de sua morte.

Assim, vou considerar que *Lalíngua* ao incorporar o humano, determina uma **perda** radical e irreversível em sua estrutura, como algo que não se expressa de uma maneira empírica, como uma *falta* disso ou daquilo, mas que produz “*uma falta de Ser*”, ou melhor, produz um “*Ser-de-linguagem-e-de-sexo*”, que tem seu “*im-mundo*” construído por palavras e frases.

Assim, esse *Sujeito*, da Psicanálise, que é um atributo do ensino de Lacan, só para lembrar, é um *Sujeito* sem substância, sem sexo, sem idade, sem cor e, mais ainda, não corresponde a uma pessoa, a um indivíduo, a um Homem ou uma Mulher, com sua genética, com sua anatomia, fisiologia e bioquímica. Outra questão singular de sua ex-sistência é que embora possa ter uma presença na cena social, ele só poderá ser identificado e avaliado, numa *Análise em Intenção*, quando se realiza sempre representado por um determinado significante, entre outros.

Colocado estes termos, vou retomar o título de meu trabalho, perguntando o que se pode considerar como a “**Aposta de uma Análise**”, numa alusão ao que Lacan chamou de uma “aposta do analista”. Com efeito, quando se demanda uma análise, na voz de *alguém* que sofre dos pensamentos e do

corpo, trazendo um relato oficial de sua história e, muitas vezes, com diagnósticos médicos já estabelecidos, se ele acolhe e aceita os protocolos do discurso analítico, algumas condições deverão ser consideradas.

Em primeiro lugar, ele irá ocupar uma posição de analisante que sustenta um *Sujeito*, que vai entrar na análise com seu sintoma, com sua divisão estrutural e seguindo um desejo, que não sabe qual é, sob uma condição de transferência. Assim, desde as entrevistas iniciais, o analista vai dar consistência àquilo que Lacan nomeou, em certo momento de seu ensino, sob a ficção de um “*Sujeito-suposto-ao-Saber*” (SsS). Uma relação que institui um tipo de laço social, em que o analisante se dedica à análise, com amor ao analista, com “um *amor ao Saber*”¹, para que a análise possa ir se desenvolvendo.

Mais adiante, Lacan atribuiu ao analista, a condição de “*semblante de objeto (a)*”, que vai causar o desejo do analisante, num tipo de Discurso que se identifica como o “**Discurso-do-analista**” (a / S2 → \$ / S1). Nessa posição, como “agente do Discurso”, ele não deve desempenhar sua função, com poder e autoridade, mas com tolerância e prudência, abrindo mão de diversos elementos que constituem sua heteridade.

À medida que a análise se desenvolve, desde as entrevistas iniciais, haverá “um giro de um quarto de volta”, no Discurso do Analista, e o *Sujeito* passará a ocupar o lugar de **agente**, um lugar de *dominância*, reescrevendo outro Discurso, que se identifica como **Discurso do Histérico** e que Lacan também o nomeou de “**Discurso do analisante**” (\$ / a → S1 / S2).

Assim, o *Sujeito*, ocupando esse lugar privilegiado, como **agente do discurso**, ele toma a palavra em *associação automática*, sob essa condição em que tem suspenso qualquer noção de valor, pois tudo que ele diz é verdade. Nesse **lugar de agente**, tendo a palavra como um instrumento de ação, que passa a intervir sobre o “**lugar do Outro**”, ocupado pelo *significante-mestre* (S1), que passará a trabalhar na análise, produzindo um novo tipo de **saber**, o **saber inconsciente** (S2), que vai ocupar o *lugar da produção*.

Isso quer dizer que o Inconsciente deixa de se constituir sob uma condição que possa existir como algo prévio para o *Sujeito*, ou mesmo como uma tendência escondida nas profundezas da mente, ou da alma. Assim, o Inconsciente passa a ser concebido como um *saber* que está fora das origens e da ontologia.

Com efeito, se o **saber inconsciente**, foi concebido num primeiro momento, do ensino de Lacan, “estruturado como uma linguagem”, mais tarde, ele se torna uma produção do **Discurso do Histérico**, que não para de interrogar essa outra noção, que é um “**desejo de saber**”; algo que não se realiza nos outros Discursos (no próprio Discurso do Analista, no Discurso do Mestre e, ainda, no Discurso do Universitário). Por fim, a partir da cadeia borromeana, o **saber inconsciente** passa a conter algo do Real e funda o próprio ofício da psicanálise, como “**um saber que se inventa**”. Um **saber** que se revela a partir de uma outra leitura, que o analisante sob a função *Sujeito* faz daquilo que diz e que ouve de um “**outromodo**”. Essa condição decorre da “arte do analista”, que é de possibilitar ao *Sujeito* esta “outra leitura”, que se sustenta a partir da polifonia, que enriquece o somatório de *Lalíngua*.

Como um corolário, o **saber Inconsciente** desde que só se **produz em ato**, ele só pode ser identificado e avaliado a partir de uma *Análise em Intenção* e, por isso mesmo, pelo próprio analisante. São “pedaços do Real” que possibilitam diferentes “fixções” de **saber** construídos pelo *Sujeito*, à medida que a análise se desenvolve; assim, o que ex-siste de Real no inconsciente, passa a se constituir na *mestria da psicanálise*.

1 Lacan, Sem. XIII. O Objeto da Psicanálise, 17/01/1968)

Por isso mesmo, não é excessivo se considerar que só através do resultado de sua própria análise é que se pode chegar a essa condição que qualifica um *Sujeito* no lugar de analisante, a adquirir uma condição necessária para ser analista. Só a partir dessa prática de sua análise pessoal é que se condiciona a ordem do que um analista pode ser capaz de fazer e dizer.

No curso de uma análise, se o **analisante sob a função Sujeito** descobre que quer ser analista, que existe uma “**vontade de ser analista**”, uma condição que Lacan se referiu como um “**desejo de ser analista**”, ela pode se transformar em uma “análise didática”, desde quando revela a existência de certos **operadores** que poderão utilizados, mais tarde, pelo futuro analista. Todavia, para que esta aposta venha acontecer, o analisante deverá levar sua análise até o final e levar essa tarefa de se produzir analista, como algo que se desenvolve, também, fora da análise, como membro de uma Instituição, de uma Associação de Psicanálise através de uma transferência de trabalho. Dito de outra maneira, embora a análise pessoal seja a condição **NECESSÁRIA** desse projeto de produção de analista, ela não é uma condição suficiente, para seu resultado final.

E como se transmite a Psicanálise? Essa ideia pode tomar o sentido de divulgá-la, de colocá-la no social, em diversas áreas do conhecimento, dando a isso, muitas vezes, uma referência publicitária. Dessa maneira, pode-se **transmitir a psicanálise**, compartilhando um **saber referencial**, ou mesmo, através de um **saber substancial** que pode ser aprendido com pares, ou através de cursos, seminários, jornadas, grupos de estudo, cartéis, como Lacan sugere, desde a Proposição 67.

Isso, no entanto, de uma maneira rigorosa, não se refere a essa condição de “**transmitir a psicanálise**”. Com efeito, para que isso aconteça, a condição, também, necessária, é que ela possa se fazer de um a um, sob transferência, portanto, numa análise, tornando-se a condição possível, de que se possa praticá-la, mais tarde, como analista.

Uma segunda condição, vou considerar um comentário feito por Lacan, na “Carta aos italianos”, afirmando que para se transmitir a psicanálise, é necessário “**que se contribua para o saber analítico**”, reinventando a cada momento a psicanálise que se pratica. Esta expressão traz suas consequências, pois “**contribuir para o saber analítico**”, não contempla essa condição de que exista “um saber” a ser compartilhado, mas que se possa suportar que “nem tudo do saber, é sabido”, é algo que ocorre a cada um, de uma maneira limitada.

Portanto, na **transmissão da psicanálise**, o analista deve estar implicado à essa condição de que possa trabalhar, sustentado numa “falta de saber”, uma expressão que de alguma maneira alude à “falta de Ser”, do Sujeito, mas, ainda, àquilo que Lacan desenvolve já no final de seu ensino como “o não-sabido que sabe, de uma claudicação... . Estou aludindo aqui, a uma parte do título do Sem. XXIV.

Com efeito, a “falta de saber” intima a que se interrogue a presença de um suposto saber que possa existir no Outro, um Outro que nem mesmo existe. Ele só é suposto. Essa condição fática da estrutura é que desperta o amor, causando a transferência e que, no início de seu ensino, Lacan identificou, com o que referi, anteriormente, como um “*Sujeito suposto ao Saber*”; uma condição que se amplia num “amor ao mestre”, com suas diversas imagens, “sedutor, tirano, apaziguador...”, todas elas são diferentes representações do Pai.

Ama-se o Pai, ama-se o grande Outro, ama-se a Deus... por se sentir amado por cada um deles. É a partir destas relações de uma ilusão de reciprocidade, e vou me referir, ainda, no singular, ao Pai, em que o *Sujeito* é autorizado a que se harmonize e que cumpra com suas tarefas. Todavia, obedecendo à polaridade “Kant com Sade”, trata-se de uma relação que tem seus custos, pois para se ter essa condição normatizada, o *Sujeito* paga com sacrifícios, com um gozo que se produz como mais-gozar. Algo que perturba sempre sua aspiração de um ideal, desde quando o ideal sempre tende ao fracasso.

A psicanálise, portanto, constitui-se numa prática que se desenvolve com a noção de uma causalidade, que deve levar em conta uma crença sobre a existência do inconsciente, aquele descoberto pelos históricos, inventado por Freud e formalizado, de diversas maneiras, por Lacan.

Além disso, se no curso de uma análise o *Sujeito* se crê sempre autorizado pelo Pai, pelo Outro, ou até mesmo por Deus, quando chega ao **final da análise**, ele descobre algo que tem se realizado, sempre, com certa *crueldade*, não só por revelar a posição servil e alienada que mantinha em relação a um grande Outro, que nem mesmo existe e que experimentava a ignorância de sua presença, cobrando, ainda, sacrifícios em seu nome. Por isso mesmo, não se pode esperar as provas do analista, como um **ser normal**, no final da análise, mas que ele se afirme, nesse momento, submetido a uma normatização instituída pela Lei, uma lei do Pai que determina a castração.

Por fim, em toda operação da análise, o Sujeito terá que pagar algo, que se fundamenta numa **aposta**. Uma condição que não corresponde a um desafio ou a uma disputa, mas de algo que se joga na análise. O passo dessa aposta se joga contra o sujeito, isto é, uma operação em que “**se deve entregar a ele sua loucura**”², isto é, possibilitar o *objeto (a)* que lhe cabe.

Embora a análise possa revelar diferentes “**sentidos**”, para o analisante, em torno desta aposta realizada, a partir de um além ou aquém do que é dito e que é “**supostamente**” ou “**suspeitamente**” produzido, pelo Outro, por Deus e, sobretudo, pelo Pai que o autoriza, o que é essencial a se considerar é que a partir do que o analisante sob a função Sujeito diz e passa a ouvir de “outromodo”, isso vai possibilitar através da interpretação, que é sempre produzida pelo analisante, como algo que se constitui como um “**não-sentido**”. Como um **não-todo** do ato que passa a ocupar esse **lugar da Verdade**, como gozo, sob a forma do objeto (a), no **Discurso do Histórico**.

Assim, no **final da análise**, o Sujeito encontra o lugar onde estava prisioneiro (Sem. XXV, 10/01/78) e procura resolver essa equação, buscando significar seu sintoma e deixar aparecer essa função “desejo do analista”, que vem instituir uma alteridade radical nessa dissimetria, do *Sujeito*, representado pelo significante (S1) e quando se faz de “semblante de objeto (a)”, passando a organizar e suportar um novo discurso, como analista: o **Discurso do Analista**.

Por fim, para realizar essa passagem lógica de analisante para analista, ele abre mão do que manteve, por muito tempo, passando a “**se autorizar por ele mesmo, como analista**”. Portanto, é o final da análise que induz e possibilita essa produção do analista, onde mesmo que não se possa esperar as provas de sua condição como um “**ser normal**”, é a condição que o possibilita a ocupar essa posição de objeto (a), como analista. É assim que a Psicanálise se transmite.

Um pequeno comentário sobre o **PASSE** e “algumas” de Lacan: ele acreditava, de início, que mesmo que não se tenha qualquer garantia de “pureza”, no dispositivo do passe, não se devia deixar de continuar pensando nele. Todavia, mais tarde, na “Carta aos Italianos”, ele chama atenção para os riscos que se deve evitar, nos agrupamentos de psicanálise, pois não deve demandar entrada, nestes lugares, com base no “**princípio do passe**” e, mesmo, que não existisse ninguém nomeável.

A solução para isso, diz Lacan, é o “**princípio do texto não assinado**” (Scilicet). Se deveria evitar a debilidade daquele que se enfeita com isso e que mesmo controlado, procura apenas para se exibir, com uma “**formação personalizada**”. Assim, deve-se levar em conta a “letra (lettre)”, como uma maneira de adesão a seu novo projeto de Escola e que o analista através do escrito faça “provas de sua capacidade”, desde quando tudo deve girar em torno dos escritos que estão por vir.

² Lacan trata desta questão, no segundo discurso de Roma (De Roma 53 à Roma 67: A psicanálise - Razão de um fracasso), em Scilicet, 1968, n. 1, pp. 42 a 50.

Assim, o que passa a ex-sistir no Real, constitui-se como algo que tem relação não mais com a fala, mas com a letra, com a escritura. Isso quer dizer que o discurso analítico vem se constituir essencialmente como “um discurso sem palavras”.

Por uma questão do tempo, acho que já ultrapassei, vou ficar por aqui. Obrigado.